A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — *Affonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 30 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 300 » Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 1$200 » Numero avulso..... 040 »	N.º 20 Julho de 1886	Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor, Brito Nogueira, rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

QUESTÕES SOCIAES

VII

O que Spencer entende por justiça póde deprehender-se d'este eloquentissimo trecho:

«Sendo dada uma raça de seres, tendo igual direito a proseguir o fim dos seus desejos, e sendo dado um mundo feito para a satisfação d'esses desejos, e onde taes seres nasçam em condições identicas, conclue-se que elles têem direitos iguaes a gosar n'este mundo. Porque se cada um é livre de fazer o que quer, comtanto que não ataque a liberdade alheia, cada um é livre de fazer uso d'esses dons naturaes para satisfação das suas necessidades, desde que nos demais respeite o mesmo direito. E invertendo a proposição, é claro que ninguem póde fazer uso da terra, de fórma que tolha outros de igualmente a utilisarem, porque então quem o fizesse, prevalecer-se-ía de uma liberdade maior que a geralmente concedida, violando portanto a lei. A justiça não póde, pois, admittir a propriedade applicada ao solo. Nem o facto do cultivo, nem mesmo a partilha igual da terra podem fazer nascer um direito absoluto e exclusivo, porque, levado aos seus limites extremos, tal direito gera o despotismo completo dos proprietarios. As leis votadas a cada momento pelos parlamentos são a negação d'elle. Emfim, a theoria de um direito á herança do solo reconhecida a todo o homem é conforme ao mais alto grau de civilisação e, por muito difficil que seja fazer passar essa theoria aos factos, a equidade ordena com todo o rigor que isto se faça... Pouco a pouco os homens aprenderão que privar os outros do direito que lhes assiste de fazerem uso da terra é um crime apenas inferior em perversidade ao de lhes tirar a vida ou a liberdade.»

Está aqui definida a idéa de justiça, mas ainda diz mais o eminente philosopho:

«Não devemos ignorar que por muito erroneas que sejam as theorias communistas, as da lei dos pobres (poor-law) e a reivindicação de um direito para o homem de manter-se pelo trabalho, todavia ficam ellas muito perto da verdade. São um esforço, mal succedido, de exprimir este facto:—que quem quer que nasça no nosso planeta adquire n'elle, como consequencia, um certo direito, não podendo ser d'elle expulso summariamente, nem considerado como não existindo, pelos que estão na posse da terra. Em outros termos, é uma tentativa para formular o pensamento que acha a sua expressão legitima n'esta lei: todos os homens têem igual direito a fazer uso do solo. Depois de se terem libertado da abominavel injustiça da escravidão, chegaram elles com o tempo a ver quanto ha de monstruoso no facto de nove individuos sobre dez viverem n'este mundo apenas por tolerancia, não tendo mesmo onde pôrem o pé se lhes faltar a permissão d'aquelles que monopolisaram a superficie do nosso globo.»

Depois d'estas duas transcripções, é inutil procurar ver qual seja a opinião de Spencer. O seu pensamento está tão eloquentemente synthetisado n'essas linhas, que todos o comprehendem.

Surprehenderá, porém, naturalmente que o espirito que as escreveu tire d'ellas conclusões diversas das que se nos afiguravam ser as mais logicas; mas é exactamente n'essa divergencia de corollarios que está a differença, que nós apontámos, das duas escolas, que entre si dirimem o problema social, e ahi reside, portanto, o eixo da questão.

Assim, ao passo que Spencer e os que professam iguaes ou parecidas doutrinas, embora partindo do mesmo ponto, chegam a conclusões á primeira vista tão contradictorias com as premissas que estabeleceram, os seus adversarios, seguindo não obstante caminho diverso e parecendo que não fazem senão desdobrar até ao extremo todas as faces do mesmo problema, tambem por seu lado chegam a resultados demasiado phantasistas e contraproducentes, afastando-se, portanto, igualmente da solução que procuram.

E todavia a verdade deve estar entre ambos, simplesmente nem uns nem outros acertaram ainda.

Pois se Spencer, e em geral todos os economistas que acceitam mais ou menos a lei da evolução applicada ás sociedades, acham que a organisação actual é má, apontando até os mesmos defeitos e injustiças que os seus contrarios lhe apontam, não é natural que se procure, fóra das rotas conhecidas e praticadas, remedio para esses males? E, procurado elle, não é igualmente natural e logico que muitos o encontrem n'uma fórma diversa d'aquella que no seu entender originou esse mal?

Se isto é assim, como não póde deixar de ser, porque é que, conforme querem Spencer e outros, se ha de deixar nas mãos de muitos dos que têem exactamente contribuido para o aggravamento d'essa doença a faculdade de a atalharem ou extinguirem, se até hoje não só elles o não têem feito, mas não permittiram que outros o fizessem?

Pelo menos, porque é que não hão de ensaiar se algumas das tentativas de remedio que sob diversos nomes um ou outro economista tem suscitado, chamando, por exemplo, ao estudo e á solução d'esses problemas, representantes de ambos os lados, isto é, do estado e das corporações?

Expliquemo-nos, melhor, porém.

É ou não deficiente e injusta em parte a organisação actual? É, na opinião dos proprios que impugnam a maneira como alguns imaginam que se conseguiria melhoral-a.

Pois se é, a não se querer applicar ao organismo social a theoria homœopathica, curando a doença originando uma identica, o facto de deixar á livre iniciativa dos individuos a correcção de todos os erros e o aperfeiçoamento de todas as irregularidades que evidentemente existem no mechanismo social, não nos parece o melhor systema a seguir, porque os homens, naturalmente egoistas e maus, tenderão sempre para o esphacelamento mutuo, desde que um poder superior, embora fundado pelo accordo unanime das consciencias, mas tambem collocado desde logo acima das paixões interesseiras e allucinadas, não regule a complicada engrenagem das sociedades, velando pela perfeita equação de todas as forças, e pela absoluta harmonia de todos os interesses.

É certo que a tolerancia, a dedicação e o amor, e finalmente, todos os sentimentos altruistas e humanitarios que a civilisação ha de ir lentamente desenvolvendo e transmittindo pela hereditariedade, como já até hoje tem feito, contribuirão em grande parte para tornarem cada vez mais doces as relações dos homens entre si; mas tambem não é menos certo que cada idéa generosa e boa, cada sentimento dedicado e humano leva seculos a radicar-se na consciencia e a penetrar no coração das massas, e apenas um pequenino escol de espiritos de eleição vae pouco a pouco ascendendo até ás sublimes regiões do bem.

Eis porque o estado precisará durante muito tempo ainda ser o fiel da balança de tão diversos e encontrados elementos, como são os que entram na structura de um povo, e porque, por muito que a iniciativa particular trabalhe para implantar no mundo todos os variadissimos meios que a bondade e a intelligencia de alguns vão descobrindo para fazer a vida melhor, será elle ainda durante largo espaço o unico factor apto para tornar viaveis algumas das mais bellas aspirações com que sonham eternamente os que desejam ver a humanidade mais justa.

Entre, porém, o papel que á entidade governo cabe desempenhar dentro da esphera da sua acção, e aquelle que á viva força querem distribuir-lhe os adeptos ferrenhos e intransigentes da nação-estado é que ha seguramente muito de absorvente e de anarchico, e ahi é que nos parece terem rasão os individualistas.

Vel-o-hemos, porém.

AFFONSO VARGAS.

UM TORPEDO INTELLIGENTE [1]

V

DEFENSA DOS NAVIOS CONTRA OS TORPEDOS

Em face d'um inimigo tão temivel, como é o que baseia a sua tactica de guerra no prestante auxilio dos fornilhos subaquaticos, necessariamente não podem as esquadras ameaçadas limitar-se a determinar o numero dos navios que vão perdendo. Occorre, d'um modo natural, a pesquiza de meios que, paralysando a acção dos torpedos adversarios, permittam evitar essas perdas.

Este *desideratum* póde conseguir-se de dois modos bem distinctos. Um d'elles consiste em pôr os torpedos inimigos fóra de serviço; o outro, em dispôr o navio por fórma que, apesar de se realisar a explosão, os seus effeitos não attinjam o alvo, ou, pelo menos, não lhe sejam muito prejudiciaes.

Suppondo que, procedendo-se, em consequencia de justos receios, aos indispensaveis reconhecimentos no seio das aguas, nos é revelada a existencia de torpedos *dormentes*, trataremos immediatamente de os inutilisar, para o que basta um simples mergulhador ou mesmo uma embarcação submersivel. Por qualquer d'estes dois meios, facil será cortar os conductores electricos, no caso dos torpedos *simples*, ou mesmo inutilisar as boias de contacto, no caso dos torpedos *electro-automaticos*. Os torpedos *profundos* correm, evidentemente, igual perigo.

Desembarcando destacamentos que destruam em terra os postos de observação, ponham fóra de combate o seu pessoal, inutilisem as pilhas, os manipuladores, emfim todos os apparelhos que lhes cheguem ás mãos, ficaremos certos da innocencia dos preparativos da defensa. Essas forças de desembarque serão conduzidas em *contra-torpedeiros*, dando este nome ás embarcações que vão munidas de *contra-torpedos*, isto é, de fornilhos que o assaltante afunda e cuja explosão determina, para desfazer as communicações electricas dos torpedos da defensa.

Determinada a situação dos fornilhos d'uma dada linha, sacrificando um navio de menos valor que se faz marchar adiante, e exactamente por sobre um dos torpedos, a fim de determinar a explosão d'este, ficaremos com um espaço livre para a passagem das restantes embarcações.—Na guerra da secessão dos Estados da America, a 5 de agosto de 1854, o almirante federal Farragut, querendo forçar a entrada da bahia de Mobile, defendida por fornilhos submersos, fez passar os seus quatorze navios de madeira á formatura em columna de dois navios, collocando-lhes no flanco direito, em columna de um navio, os seus quatro couraçados. Tomadas estas disposições, avançou resolutamente. Um torpedo destruiu-lhe logo o *Tecumseh;* e, em seguida, o *Brooklyn* era obrigado, pela presença de outros torpedos, a abandonar a posição que occupava na linha de batalha. Graças á má organisação defensiva que os Confederados haviam dado á bahia, Farragut conseguiu entrar n'ella; mas essa famosa victoria custou dois navios postos fóra de combate.

Tratando-se de torpedos *altos*, é facil pescal-os com grandes redes convenientemente dispostas na prôa dos esclarecedores. Este meio usaram, durante a guerra separatista, com magnificos resultados, os almirantes Dupont e Dahlgren, tendo este ultimo a seu favor, na enseada de Charleston, a circumstancia de estarem os torpedos a muito pequena profundidade e mantidos por ancoras muito fracas.

Podemos tambem dragar os cabos dos torpedos recorrendo a chalupas a vapor armadas de ancorotes; em geral, estas embarcações rebocam jangadas, sobre as quaes, por meio da polvora, se procede á inutilisação dos cabos colhidos.

Os proprios navios podem ser armados com dragas, de que ha muitos typos. Um d'elles está representado no *apparelho Arthur*, que, depois de agarrar os torpedos e lhes cortar os conductores, os lança n'uma rede estendida por baixo das cevadeiras.

Gélin propoz um systema que consiste no emprego d'uma bôca de fogo, especialmente destinada a lançar projecteis a que vão ligados cabos dispostos por fórma que, alados, permittem dragar os torpedos.

O coronel americano Sholl propõe o emprego de duas bôcas de fogo, montadas no convez do navio esclarecedor, e apontadas em direcções um pouco divergentes. De cada uma

[1] Vidè n.os 9, 11, 13 e 17.

d'ellas parte, no mesmo instante, um projectil ligado ao outro por uma cadeia munida de ancorotes, e preso a um cabo cuidadosamente colhido no convez. Feitos os tiros simultaneos, alam-se os cabos, arrastando para bordo os torpedos apanhados pelos ancorotes.

Duas embarcações, marchando parallelamente e arrastando uma rede, constituem tambem um bom apparelho de rocegar os torpedos fundeados.

Como já dissemos, a pesca dos torpedos não apresenta serias difficuldades. Na guerra da Crimea, tendo a esquadra anglo-franceza soffrido, a 8 de junho de 1855, consideraveis avarias em tres dos seus navios, por effeito da explosão de fornilhos sub-aquaticos, procederam a pesquizas minuciosas, e, havendo reconhecido que os russos tinham disseminado, nos arredores de Kronstadt e de Sweaborg, uma enorme quantidade de torpedos, conseguiram, em poucos dias, dragar mais de setenta.

Muitas vezes, os fornilhos *fundeados* ficam a tão pequena profundidade que se descobrem no baixamar. É facil então destruil-os a tiro, se a defensa não está em circumstancias de manter os vasos inimigos á distancia precisa para não poderem ser-lhe prejudiciaes.

Suppondo agora o caso dos torpedos *offensivos*, munidos, em geral, de cargas menores do que as que podem conter-se nos defensivos, temos a considerar tambem varios meios de livrar os navios da sua acção.

Attenta a circumstancia indicada, pensou-se que leves modificações na construcção usual dos navios lhes dariam convenientes condições de resistencia. Assim lembrou: applicar as couraças a toda a superficie do costado; empregar duas quilhas com o intervallo dividido em compartimentos cheios de agua; formar o casco de duas partes, uma de madeira alcatroada, e a outra constituida por caixões de ferro cheios de differentes substancias; recorrer a um systema cellular protector, etc. Mas o facto é que, como facilmente se comprehende, a energia d'um torpedo, mesmo offensivo, é susceptivel d'um augmento, por assim dizer, indefinido; d'aqui resulta a inutilidade das receitas indicadas.

O unico meio verdadeiramente efficaz de um navio *resistir* ao ataque dos torpedos é... evitar que estes d'elle se approximem a uma distancia inferior ao seu raio de acção.

É para esse fim que podemos cercar de torpedos, isolados ou reunidos em rosario, uma embarcação que se acha no seu ancoradouro. N'esse caso, os torpedeiros inimigos verão inutilisados os seus esforços, apenas attingirem aquella linha de respeito.

Suppondo o navio em marcha, protegel-o-hemos com madeiros fluctuantes, que sustentam redes metallicas, e são mantidos a distancia da amurada por antenas de 12 a 15 metros de comprimento. Podemos tambem prender no costado do navio oito vigas de ferro, tres em cada bordo, uma á proa e outra á ré, dando-lhes 12 metros de sacada sobre a amurada, e fazendo-lhes supportar, nos extremos livres, uma rede de ferro ou cota de malha de altura igual ao calado da embarcação. Estas redes, a que os francezes chamam *crinolines*, prejudicam sensivelmente a manobra e a marcha dos navios.

Um bom serviço de vigilancia, e o uso da luz electrica, descobrindo a grandes distancias os torpedeiros inimigos, são, porventura, os expedientes de mais confiança. Todos os que acabâmos de descrever têem sido praticamente realisados, umas vezes, diga-se a verdade, sem vantagem alguma, outras com immediato proveito.

Assim, vimos os enormes prejuizos que, na guerra separatista, soffreram as esquadrilhas federaes; e, no emtanto, ellas fizeram uso constante dos contra-torpedeiros, e o almirante Dupont havia munido todos os seus couraçados de redes, ancorotes, apparelhos de pesca, de todos os meios, emfim, proprios para aniquilar os fornilhos que lhes eram dirigidos ou obstruiam as passagens. Na mesma guerra, porém, pelos mezes de maio e junho de 1864, se viu como os Federaes, auxiliados por esses meios, manobrando os rocegadores, utilisando a luz electrica, desembarcando forças encarregadas de destruir os postos de observação, conseguiram livrar-se dos torpedos fluctuantes que vinham accumular-se no canal entre Dutch e City-Point.

Na noite de 20 de fevereiro de 1865, o almirante Porter, informado pelos seus esclarecedores de que os Confederados haviam deitado no rio Cape Fear mais de duzentos torpedos, lançou immediatamente as redes dos seus navios, e, graças a este expediente, apenas perdeu um cutter que estava á prôa do *Schawmut*.

Na guerra do Chili com o Peru, a 9 de abril de 1880, os Chilenos, sabendo que no ancoradouro de Callao estavam fundeados os navios peruanos a *União*, o *Chalaco* e o *Oroya*, destacaram da sua esquadra a *Janequeo* e o torpedeiro *Guacolda*. Este ultimo chegou, a 10, a S. Lourenço, e, tendo preparado os seus dois torpedos, avançou para a *União*. Eram 4 horas. Durante o trajecto, abalroou com um barco de pesca que lhe partiu as antennas de um dos torpedos; proseguindo a marcha, achava-se apenas a 10 metros do navio inimigo quando, repentinamente, sem causa visivel, rebentou o outro torpedo, levantando uma enorme columna de agua que apenas molhou o convez da *União*. Immediatamente os tres navios peruanos começaram um fogo vivissimo sobre o torpedeiro chileno que teve de bater em retirada.— Porque rebentára o torpedo? Porque o commandante peruano Villavicension havia tomado a precaução de proteger o seu navio com uma *crinoline*: foi ao seu contacto que o torpedo do *Guacolda* fez explosão.

Poderiamos citar muitos outros factos, que todos concorreriam a demonstrar a grande proficuidade do uso das redes; assim se explicam a generalisação d'esse uso e o olvido a que são votados os inconvenientes.

JAVDAC.

NOTAS SOLTAS

Os mensageiros do amor devem ser os pensamentos, que correm dez vezes mais rapidos que os raios do sol.

SHAKESPEARE.

A esperança é o sonho de um hômem que véla.

S. BAZILIO.

A palavra humana é como uma caldeira rachada, onde batemos melodias capazes de fazerem dansar os ursos quando queremos enternecer as estrellas.

FLAUBERT.

Chamam melancholia ao que no fundo não é senão o desejo de fazer a propria vontade.

SANTA THEREZA.

ESCOLAS PROFISSIONAES

III

Ao contrario d'outros paizes, que prezam e apreciam devidamente o desenvolvimento industrial, entre nós pouca attenção têem merecido as escolas profissionaes. A esse respeito estamos quasi no estado primitivo.

Tem a Inglaterra, o colosso industrial, grande numero d'ellas; têem-nas a França, a Belgica, a Hollanda, a Allemanha, os Estados Unidos; têem-nas, emfim, todos os paizes que marcham na vanguarda do progresso, e se ellas dão ou não resultado, se a sua existencia é ou não benefica, que o diga o engrandecimento industrial que essas nações vão tendo, engrandecimento maior ou menor, em relação ao grau de esmero a que têem levado as suas escolas profissionaes.

Na Inglaterra, onde o ensino profissional devidamente organisado, só teve principio em 1834, já em 1876 havia 118 escolas d'essa especialidade, mantidas pelo estado conjunctamente com associações, e havia mais 119 completamente livres, sendo muitas d'ellas destinadas ao sexo feminino. A circumstancia de não haver nenhumas exclusivamente mantidas pelo estado, não é, na Inglaterra, uma excepção para esta especie de escolas, é a lei geral. Na Gran-Bre-

tanha a instrucção, salva a superior, sae quasi completamente da iniciativa particular, limitando-se o governo apenas a dar um subsidio ás escolas que lh'o pedem.

A calcular pelo grande numero que já havia ha dez annos, é facil de suppor que actualmente a quantidade de escolas profissionaes estabelecidas na Inglaterra já tenha triplicado. E não será a essas escolas *(Ragged Schools* e *Workhouses),* cujo desenvolvimento é extraordinario, que a Inglaterra deve uma grande parte do incremento da sua possante industria?

Na França, paiz em que a instrucção tem sido cuidada com os mais desvelados carinhos, as escolas profissionaes são muitissimas, e o seu numero vae sempre augmentando de dia para dia. Muitas d'essas escolas são juntas ás fabricas, sendo a sua frequencia obrigatoria para todas as creanças empregadas n'essas fabricas; outras são estabelecidas como asylos para creanças abandonadas, e muitas ainda se têem organisado a expensas do governo ou das municipalidades, para simples instrucção profisional theorica e pratica, das creanças dos arredores.

Para saber qual é o esmero com que esses estabelecimentos estão montados, e bem assim o muitissimo que ha a esperar, em resultados praticos, de tão bellas instituições, basta analysar os relatorios da *École Turgot,* pertencente á municipalidade de París, e os da *Ecole Martinière,* creada em Lyon por virtude de um legado.

Basta aferir por estas, que têem servido de modelos a todas as outras, o que são em França as escolas profissionaes, para desde logo formarmos em nosso espirito a mais lisonjeira idéa com respeito ao ensino profissional.

Effectivamente, não póde negar-se a importancia d'elle. Para que haja operarios aptos, para que haja quem saiba artisticamente manejar um ferramenta, é indispensavel a existencia de escolas theorico-praticas, em que se cultivem convenientemente as aptidões artisticas, em que, juntamente com as faculdades mentaes, se desenvolvam e aperfeiçoem as faculdades artisticas dos que as frequentam.

Quando, porém, se falla em escolas profissionaes, e se realçam as grandissimas conveniencias que necessariamente hão de provir d'ellas, quasi nos referimos exclusivamente áquellas que se destinam ao sexo masculino, deixando por algum modo no olvido as destinadas ao sexo fragil. Mas não é justo similhante esquecimento.

As escolas profissionaes para o sexo feminino têem igualmente uma grande rasão de ser; e, se porventura não podem concorrer em certamen de conveniencias economicas com aquellas, têem, porém, uma tal conveniencia pratica e moral, que não serão de mais todas as palavras com que as encareçam.

Se as primeiras são indispensaveis, as segundas não o são menos, e muito mais, sobretudo, entre nós, onde se póde bem dizer que não ha profissões decentes e lucrativas para as senhoras.

E é uma lacuna grave que urge preencher. Se exceptuarmos o professorado, unica profissão honrosa para uma senhora, nada mais encontrâmos. Ultimamente tem o governo admittido algumas para o serviço dos telegraphos, mas as difficuldades que se encontram para adquirir a pratica d'aquelle serviço e estudar as materias de que consta o exame de admissão, afastam, em vez de chamar a si, muitas senhoras que n'esses logares encontrariam uma posição decente e estavel.

Pois não era justo que se estabelecessem aulas profissionaes d'esse ramo, a fim de habilitar senhoras a exercerem o cargo de telegraphistas? Não era rasoavel que esses logares, que tanto se prestam a ser desempenhados pelo sexo fraco, lhes fossem definitivamente reservados?

Mas para isso é claro que são indispensaveis escolas praticas, pois sem ellas é quasi impossivel a qualquer senhora habilitar-se para desempenhar esses logares, sendo por conseguinte de pouquissimos resultados essa equitativa medida do governo.

Sobre o prejuizo ainda mal extincto, que negava a instrucção ás senhoras, acresce a falta de profissões dignas para ellas desempenharem; e isto é uma injustiça flagrante com que a nossa sociedade as tortura, e quem sabe se conjunctamente não será tambem um dos motivos da desmoralisação!

É impreterivel necessidade crear profissões em que facilmente, com um lucro rasoavel e completa independencia, se possam empregar aquellas senhoros que, desfavorecidas da fortuna, necessitam procurar em qualquer profissão honrosa a sua subsistencia. Instruam-se convenientemente primeiro, dêem-se-lhes as noções geraes indispensaveis para o desempenho de qualquer profissão, e depois criem-se-lhes mesteres, que ellas possam desempenhar condignamente, porque essa medida, estamos certos, dará no futuro grandissimos e salutares resultados, e evitará decerto muita e muita desgraça.

«O logar d'uma senhora, a sua mais nobre profissão, dizia Mirabeau, é o lar domestico.» Ninguem contesta similhante doutrina, pelo contrario tem ella muitissimos adeptos; é necessario, porém, notar a grande desproporção que existe entre os dois sexos. e d'ahi se concluirá necessariamente que, por mais justa que nos pareça essa opinião, por mais que ella cale em nosso espirito, nem por isso devemos deixar de pugnar para que se organisem entre nós profissões para serem desempenhadas por senhoras, attendendo que um grande numero d'ellas, pela fatalidade da desproporção do genero humano, necessariamente ficará isenta de poder desempenhar a «profissão domestica».

CESAR DA SILVA.

NO TROTTOIR

Á porta da livraria,
Aquella costureirita
Alta, pallida, magrita,
Quando passava, sorria.

Era *chic* em demazia,
Infernalmente bonita,
Á porta da livraria,
Aquella costureirita.

Uma noite, emfim, segui-a,
E murmurei-lhe: — «Permitta...»
Mas n'isto, volta-se afflicta:
— «Agora, não; outro dia...
Á porta da livraria!»

GUALDINO GOMES.

VIDAGO

Este pequeno e formoso logarejo tem ultimamente adquirido tal fama e celebridade, que em pouco tempo se tornará em villa importante, se a affluencia dos que vão procurar nas suas excellentes aguas medicinaes allivio a diversos padecimentos, continuar na escala progressiva que tem tido nos ultimos annos.

As aguas de Vidago têem a sua reputação feita, e são geralmente empregadas com efficacia em certas enfermidades, com especialidade nas doenças de figado, dispepsia, diabetes, etc.

A nossa gravura representa uma formosa paizagem dos arredores de Vidago, e é copia de uma photographia da ex.ma sr.a D. Margarida Relvas, filha do distincto cavalheiro Carlos Relvas, que, como photographo-amador, tão bellas reproducções nos tem dado dos nossos monumentos e obras de arte, dos trajos e costumes dos habitantes das nossas provincias, e sobretudo dos esplendidos panoramas dos locaes mais pittorescos do paiz, que elle mesmo procura e escolhe, com o fino tacto e aprimorado gosto de artista, passando-as ao *cliché* com a proficiencia e mestria de photographo distinctissimo. Sua excellentissima filha, aproveitando as lições de tão eximio mestre, já nos apresenta alguns primores photographicos, de que é prova incontestavel a copia que expomos hoje á apreciação dos nossos leitores.

AGUIA

III

Aguia Bonnelli—Aigle Bonnelli fr. (*Falco Bonnelli*, Tem. — *Aquila intermedia*, Boit.—*Aquila fasciata*, Vieill.)

Habita a Europa meridional, a Grecia, e encontra-se em Portugal na provincia do Douro; comprimento $0^m,4$

Superiormente de côr parda escura com a extremidade das pennas escapulares negras e com reflexos; inferiormente alourada, manchada longitudinalmente de trigueiro anegrado ao centro de cada penna, sendo as das azas pardas e em riscas mais escuras; a cauda cinzenta com listas estreitas de côr trigueiro carregado, em numero de seis a sete e a ultima mais larga, e bordada de branco arruivado; as pennas das pernas amarelladas e com malhas trigueiras; as pernas e os tarsos são longos; o bico côr de chumbo e a cera e os pés amarello azulado.

Aguia de Pondichery—Aigle Pondichery fr. (*Aquila ponticeriana*, Brisson.)

Originaria de Pondichery, Industão, e adorada pelos naturaes do Malabar. A cabeça o pescoço, o peito e o ventre são cobertos de pennas brancas, tendo cada penna um traço escuro estreito e no sentido do comprimento.

O resto do corpo côr de castanha, e a haste das pennas negras; cera azulada; bico cinzento na base e amarello desvanecido para o extremo; pés amarellos e unhas escuras.

Aguia de poupa da Africa—Aigle huppé d'afrique fr. (*Aquila africana cristata*, Brisson.)

A parte superior da cabeça, collo, dorso e uropigio, trigueiro carregado; o peito arruivado e sobre os flancos listas transversaes largas e negras; o ventre, a parte inferior da cauda, as pernas e os pés até á origem dos dedos cobertos de pennas brancas; as pennas da cauda pela parte superior, cinzento carregado, com riscas transversaes negras, e pela parte inferior com riscas de pardo escuro e claro.

As pennas do alto da cabeça podem levantar-se e formar uma poupa; a iris é côr de laranja avermelhada, o bico e a cera são escuros, os dedos côr de laranja claro e as unhas negras.

Aguia de poupa do Brazil—Aigle huppé du Brésil fr.—*(Aquila brasiliensis cristata,* Brisson.)

Sobre a cabeça tem duas pennas pretas de 0m,08 approximadamente e aos lados duas menores, levantando-se ou abaixando-se esta poupa á vontade da aguia.

A parte superior da cabeça é coberta de pennas trigueiras com as extremidades das barbas amarelladas; as que cobrem os lados e a parte superior do collo são alouradas.

O dorso é mesclado de cinzento e negro; o pescoço é branco assim como na parte inferior; o peito, o ventre, as pernas e os pés até ao principio dos dedos cobertos de pennas brancas e pretas similhando escamas; bico negro; cera e pés amarellos; unhas quasi negras; iris côr de fogo.

Aguia branca—Aigle blanc fr. (*Aquila alba,* Lin.)

É quasi da grandeza da aguia real, com o corpo todo branco. Habita os Alpes e os rochedos das margens do Rheno.

Aguia pesqueira—Aguia marinha—Aurifrisio menor—Falcão aleto ou halieto—Aigle de mer ou Balbusard fr. *(Falco arundinaceus,* Gmel.—*Falco haliætus,* Lin.—*Aquila marina,* Schwenck.)

É mais pequena que a aguia real; encontra-se na Hollanda, Russia, Borgonha, Portugal, Allemanha, Vosges, Suissa e norte da Africa. Pertence ao genero *Pandion* por ter o bico recurvo desde a base e curto.

Cabeça grossa e espessa coberta de pennugem esbranquiçada; a do ventre branca e a das costas trigueira orlada de claro; a cauda larga rajada de trigueiro e de negro; no peito uma malha trigueira, e desde os olhos até ao meio do pescoço uma facha da mesma côr; tarsos curtos cobertos de escamas quasi até á articulação; o bico e as unhas negros e a cera e os pés côr de chumbo.

Vive esta especie nas proximidades dos mares ou lagos e é muito gorda; a carne, porém, resentindo-se do alimento, tem um forte cheiro a peixe. Póde passar muitos dias sem comer.

Construe o ninho com troncos grossos, atapetando-o de musgo e outros materiaes, collocando-o sobre as arvores altas. A postura é de dois a tres ovos, alongados, brancos pardacentos e semeados de pontinhos avermelhados.

Quando se lança sobre a presa enterra-lhe com tal força as unhas, que muitas vezes ella é a victima, porque sendo o peixe muito pesado e vigoroso, não podendo soltar as garras nem levantal-o, é por elle arrastada para o fundo.

As aves aquaticas vivem na melhor harmonia com a aguia pesqueira. Brehm observou perto do lago Mensaleh, no Baixo Egypto, onde costuma arribar todos os invernos grande numero d'estas aguias, que ellas andavam de envolta com os patos sem que estes dessem mostras de que a sua presença os inquietasse. Pela sua indole pacifica ella é muitas vezes atacada pelas outras aves de rapina, até mesmo as de pequeno talhe, que a obrigam a largar a presa.

Aguia ordinaria parda ou alourada—Aigle commun brun ou moyen fr. *(Falco fulvus,* Lin.)

Mais pequena e mais docil que a aguia real, sendo muito cuidadosa com os filhos, que não abandona mesmo quando já sáem do ninho, levando-os nas suas excursões e ensinando-os a caçar.

Encontra-se na França, monte Branco, Suissa, Allemanha, Polonia, Escocia e bahia de Hudson.

Conhecem-se duas variedades, a parda e a branca.

Aguia calçuda—Aigle Botté fr. *(Falco pennatus,* Lin.)

O macho tem de comprimento 0m,45 e a femea 0m,5.

Tem as pernas muito emplumadas; um *bouquet* de pennas na inserção das azas, em numero de oito a dez, completamente brancas; cauda branca superiormente com riscas transversaes quasi imperceptiveis; cabeça amarello arruivado, semeado de malhas escuras, as pennas das azas pardo escuro assim como a parte inferior da cauda e do dorso, sendo frequentemente agaloadas de pardo mais claro; peito e ventre branco puro com riscas escuras e estreitas; iris, cera e pés amarellos.

Encontra-se na Austria e Moravia e em algumas provincias da Russia; alimenta-se de pequenos quadrupedes, aves e principalmente de insectos.

Esta aguia assimilha-se muito ao butio *(Falco buteo).*

Aguia imperial—Aigle imperial fr. *(Aquila chrysaetos,* Leisler—*Aquila heliaca,* Sav.—*Aquila imperialis,* Cuv.—*Falco imperialis,* Tem.—*Falco mogilnik,* Gem.)

O comprimento do macho é de 0m,7 e o da femea 0m,9; envergadura 2 metros.

O alto da cabeça e o occipicio coberto de pennas acuminadas, ruivas, côr que se torna mais viva para as extremidades; partes superiores de pardo muito escuro e lustroso; algumas pennas escapulares completamente brancas; ventre amarello avermelhado; cauda *gris* carregado, com listas negras irregulares; em geral as pennas terminam por uma faxa escura amarellada no fim.

Sobre a ultima phalange do dedo medio tem cinco escamas, e sobre os outros tres ou quatro, conforme a idade.

Iris amarello claro; cera e pés amarellos.

Quanto mais velha for a aguia mais carregadas se vão tornando as cores.

Em repouso conserva o corpo horisontal.

Aguia fusca—Aigle noir fr. *(Aquila nigra.)*

Encontra-se na Europa e é um pouco mais pequena que a aguia ordinaria; as extremidades das azas tocam a da cauda; todas as pennas são brancas junto ao tubo corneo, côr que se não vê; partes superiores da cabeça e do collo cobertas de pennas estreitas, trigueiras e mescladas de ruivo; no dorso, uropigio, parte superior das azas e da cauda, pescoço, peito, ventre e flancos, fuscas; pernas pardas; as pennas da parte inferior da cauda brancas, e escuras para a extremidade; cera avermelhada; bico azulado; pés cobertos de pennas; dedos amarellos e garras côr de chumbo.

Aguia malaia—Aigle malais fr. *(Aquila malayana,* Cuv.—*Falco malayensis,* Tem.)

Esta aguia é completamente de côr pardo ferrugento; o bico e a cera negros, os dedos reticulados e amarellos e a cauda raiada superiormente de trigueiro claro.

Aguia, em ichtyologia, nome vulgar de um genero do myliobato, commum no Mediterraneo.

Aguia real, em conchyliologia, nome vulgar do *Bulinus bicarinatus,* de Bruguière, *Achatina bicarinata* de Lamarck, hoje bastante commum, e que se encontra na Africa equatorial.

João Rodrigues Ferreira.

ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA LISBONENSE E ARTES CORRELATIVAS

Celebrou-se, a 25 de julho, o 34.º anniversario da associação typographica lisbonense e artes correlativas, estreiando-se ao mesmo tempo a casa, cedida por s. ex.ª o sr. conselheiro administrador geral da imprensa nacional, na parte do edificio do extincto convento do Rato, de que se acha de posse a mesma imprensa.

É uma sala espaçosa e alegre, medindo 60 metros quadrados de superficie proximamente, e tem duas largas janellas para um vasto e bello jardim, sendo, sob a direcção dos corpos gerentes, convenientemente adaptada para o fim a que se destina. Ao topo fica o estrado da presidencia; á direita d'elle, veladas por um reposteiro, estão expostas, por fórma graciosa e artistica, as corôas consagradas á memoria de Francisco Vieira da Silva, o energico propugnador do principio da associação e um dos fundadores da typographica lisbonense, por occasião de se trasladarem, com pomposo ceremonial e vistosissimo cortejo, os restos mortaes d'esse benemerito cidadão, para o tumulo que os seus admiradores e antigos companheiros e collegas lhe fizeram erigir no cemiterio occidental; á esquerda, sobre airoso pedestal, vê-se o busto de el-rei D. Fernando, offerecido em tempo pelo fallecido socio honorario o sr. Ponciano Pieri. Aos lados acham-se collocadas quatro excellentes estantes, contendo mais de 1:500 volumes, que constituem hoje a bibliotheca da associação, successivamente enriquecida com obras de grande valor; e ao fundo, em frente do estrado, o armario com o bem ordenado archivo. Das paredes pendem bons mappas geographicos e hydrographicos, quadros e retratos de socios e outras pessoas, que por serviços prestados ás letras, á arte, ou particularmente á associação foram, pela assembléa geral, considerados dignos de que, por tal fórma, se lhes perpetuasse a saudosa recordação.

A sala achava-se profusamente illuminada a gaz, bem como o amplo corredor, que lhe serve como de vestibulo, completando a decoração alguns vasos com arbustos e plantas raras.

Pouco antes das nove horas da noite, estando presentes bastantes socios, foi aberta a sessão sob a presidencia do sr. Francisco Angelo de Almeida Pereira e Sousa, tendo por secretarios os srs. Filippe Fernandes e Ricardo da Motta.

Saudando a assembléa e obtida a devida venia, o sr. presidente leu a seguinte allocução:

Consocios e amigos:—Por mercê da benevolencia, que sempre me haveis generosamente dispensado, tenho ainda hoje a satisfação, sincera e profunda, de vos acompanhar

d'este honrosissimo logar, a que me elevou o vosso favor, que não, ainda mal, os proprios merecimentos, na modestissima solemnidade commemorativa do 34.º anniversario da associação typographica lisbonense e artes correlativas, inaugurando ao mesmo tempo a nova sala, que, para os nossos trabalhos, nos foi gentilmente offerecida pelo sr. conselheiro administrador geral da imprensa nacional.

Bem quizera poder, n'esta occasião, celebrar tambem como realisadas algumas das generosas e levantadas aspirações d'esta associação, que, como sabeis, e muitas vezes tem sido repetido, não póde, não deve ter, nem teve nunca, diga-se a verdade, como unico objectivo o soccorro mutuo.

Circumstancias varias, ponderosissimas, imprevistas algumas, estranhas todas á vontade dos corpos gerentes, têem demorado alem do que, de certo, era para desejar, a realisação de taes aspirações e anhelos, e nomeadamente a de ha muito projectada exposição das artes graphicas, emprehendimento, por sem duvida, digno das formosas tradições da associação typographica lisbonense e artes correlativas.

Emquanto a esta, ao menos, cremos que não nos taxarão de optimista, alimentando a fagueira esperança, de que tal exposição, formando parte integrante do grande certamen industrial, que se prepara, será levada a cabo no proximo anno de 1887, e dará, por sem duvida, claro e eloquente testemunho do progresso do trabalho nacional.

Se, todavia, não é licito, por mofina, registar agora algum successo sobresaliente na vida não pouco accidentada da associação typographica lisbonense e artes correlativas, a que todos nos ufanâmos de pertencer, permitta-se-nos que affirmemos, sem receios de sermos desmentidos, que, embora lucte com difficuldades de diversa origem, apesar do indifferentismo que estiola a sociedade portugueza, e de que não é isenta a classe typographica, ella sustenta, e temos confiança, que continuará sustentando com brio o seu posto de honra entre as agremiações populares, levantando bem alto o seu impolluto estandarte.

O ingresso constante de novos obreiros, que devemos suppor animados e influidos do mesmo espirito de confraternidade, que nos tem sido norte, o fervor e a dedicação de muitos antigos associados, mau grado innumeros desenganos e desillusões, dizem-nos e demostram-nos, que não é temerario o nosso asserto.

Cumpre, entretanto, não esmorecer, antes perseverar no santo proposito. Todas as rasões nol-o aconselham, e, o que é mais, nol-o impõem como um dever sagrado.

Encontra-se o nosso paiz em uma situação verdadeiramente excepcional e verdadeiramente critica e temerosa.

No tocante a melhoramentos materiaes é fóra de duvida, ninguem ousará contestal-o, temos caminhado e progredido de uma maneira notabilissima. N'este ponto acaso já não devemos receiar, que, no convivio das nações civilisadas nos lancem em rosto o lastimoso atrazo.

Em outra ordem de idéas, em relação aos interesses moraes, não podemos, infelizmente, dizer o mesmo.

Com tristeza observâmos de continuo o escandaloso desconhecimento de todos os deveres, nas relações sociaes como nas da familia, e não raro estamos vendo, por igual, fazer-se alarde do desrespeito ás leis, e sobrepor-se a violencia ou o arbitrio, á rasão e ao direito.

Não é bem differente o espectaculo que, em geral, nos offerecem as demais nações do orbe.

Em quasi todas se observa com magua, que ao mesmo passo, que se realisam os mais prodigiosos progressos, na ordem material, decresce o nivel moral, e a miseria e a degradação da especie augmentam n'uma escala espantosa, verdadeiramente ameaçadora e terrivel.

Os meios que até agora se têem imaginado e posto em pratica para attenuar, que não destruir, esse desequilibrio fatal e perigoso, têem sido inefficazes. Os que preconisam os chefes das diversas escolas economicas e sociologicas não cremos, que possam curar nem remediar sequer o mal.

O problema social, quanto mais parece approximar-se de uma solução racional e pratica, tanto mais se afigura complicado e inextricavel.

Estamos acaso a pique de uma grande transformação, se não de uma grande catastrophe.

Em taes condições, consocios e amigos, mais e mais se faz sentir a necessidade impreterivel, inadiavel de fazermos activa propaganda do principio da associação, principio, que aqui nos tem reunidos, principio fecundissimo que temos a convicção salvará a ordem social tão sériamente ameaçada.

Agremiemo-nos, pois, os que acima de todas as religiões e de todos os cultos, prezâmos a religião do trabalho e o culto da patria e da liberdade, procuremos engrossar, cerremos as nossas fileiras, e conservando-nos, como sempre nos hemos conservado, afastados da atmosphera viciada e das pugnas em que se degladiam os chamados partidos politicos, procuremos habilitar-nos, habilitar a associação para o estudo de algumas das graves questões, de cuja resolução porventura depende o futuro da terra, que nos foi berço, e por cuja gloria, bem estar e prosperidade todos devemos, na medida das nossas forças, incessantemente e com afan lidar.

Fiando que relevareis ao vosso velho presidente o enfado, que talvez vos haja causado n'esta tão breve quão desalinhada e incorrecta allocução, termino, como é meu dever, congratulando-vos fervorosamente, como me congratulo tambem, por haver a associação typographica lisbonense e artes correlativas completado o 34.º anno de sua existencia, e fazendo ardentes votos por que ella possa continuar honrando, como até agora, a nobre iniciativa dos seus benemeritos fundadores, e a classe, que distincta e legitimamente representa.

Uma salva de palmas cobriu as ultimas palavras do sr. Pereira e Sousa, que agradeceu, commovido, essa significativa demonstração de applauso.

Seguiu-se o sr. Francisco Gonçalves Lopes, que manifestou com enthusiasmo o seu jubilo pelo anniversario, que tão modestamente se commemorava, e fez algumas mui discretas observações sobre o estado da associação, confessando quanto ella deve ao estabelecimento em que tem a sua séde desde 1881.

Levantou-se depois o sr. José Antonio Dias, que, por igual, rememorou os beneficios dispensados a esta associação, por diversos modos, e desde longos annos, pela administração geral da imprensa nacional, e leu o seguinte discurso:

Mui respeitavel presidente e dignos consocios: — Permitti que n'este modestissimo «festim da paz, da luz e do bem», em que commemorâmos o 34.º anniversario d'esta associação, e pelo que me congratulo comvosco, eu diga algumas palavras attinentes ao momentoso assumpto que prende agora o nosso espirito.

Em 1849 alguns membros da classe typographica reuniram-se com o louvavel intento de fundar uma associação, onde se acolhessem para acudir fraternal e mutuamente aos varios accidentes da vida, e que teria por titulo — associação de soccorro e protecção da arte typographica.

Amena devia ser a tarefa, mas foi ardua. Por vezes, até, pareceu perdida. E, ainda mal, na propria classe estava a reacção!

Graças, porém, á firme perseverança dos benemeritos iniciadores, todos os attritos se foram successivamente destruindo, e, tres annos depois, a *25 de julho de 1852*, era installada, entre os mais vivos applausos, a *associação typographica lisbonense!*

Entrando na sua vida regular, a associação, comtudo, jamais podia ser isenta dos revezes, mais ou menos violentos, a que estão sujeitos, assim a collectividade como o individuo.

Lendo-se a historia da associação typographica, facilmente serão encontradas as causas que, em differentes epochas, originaram o seu mal estar, assim como os meios adoptados para o ir extinguindo.

Se não já a todos, mas alguns iniciadores, e ás differentes gerencias — particularmente ás dos ultimos annos — se devem novas e levantadas graças por, triumphantemente, levarem de vencida a adversidade; collocarem a associação — considerada sob diversos aspectos — em circumstancias animadoras, n'um caminho mais viavel para, em futuro não muito afastado, attingir a sua, quanto possivel, perfectibilidade.

Para havermos, porém, esse *desideratum* é necessario, é indispensavel proseguirmos activa e sensatamente na propaganda do *evangelho social*. Por muito que se tenha escripto e fallado sobre as bellezas do livre principio associativo, nunca será de mais insistirmos em expol-as e recommendal-as.

É, talvez, trabalho ocioso para os obreiros da *velha guarda*, a que nos honrâmos de pertencer; não o é, porém, para os da *nova geração*, que nos apraz ver presentes.

Ainda ha pouco fallei d'este assumpto n'uma sessão tambem solemne, e n'um respeitavel recinto, como este, onde — ao dizer do immortal poeta — «a entrada é franca, e dentro ha luz».

Disse eu, dirigindo-me aos consocios que pela vez primeira tomavam assento na assembléa:

— Meus amigos, felicito-vos por virdes cooperar na meritoria tarefa de aperfeiçoar progressivamente as condições do homem, de concorrer para que a associação «que já foi uma vanguarda de resistencia, seja d'ora ávante uma columna de reorganisação». Este vigente bem só póde obter-se com mais vantagem e menos delongas, a meu juizo, por intermedio da associação; e, na expressão de um douto publicista, «a que melhor produzir, quer nos descobrimentos experimentaes, quer nas observações proveitosas precedidos de bons methodos de ensino, será certamente entre todas as instituições a mais considerada».

É obvio que o ensino deve partir da escola. Pela escola «aurora do saber e um dos mais fortes sustentaculos das publicas liberdades» combateremos a ignorancia, germen de todos os vicios ruins; estaremos, sobretudo, aptos para combater os que, maus ou ineptos, nos calumniam, e, se podem, tyrannisam.

Promovendo a educação e a instrucção; distribuindo largamente no centro das familias, de preferencia as das ultimas camadas sociaes, esse salutar pão espiritual, essa incomparavel assistencia, teremos concorrido para que taes familias, especialmente os filhos, não sejam apenas toscos instrumentos do trabalho, ou não se precipitem nos escolhos da depravação e do crime.

Onde, pois, meus dignos consocios, se pozer a banca do trabalho commum, ahi vereis os melhores obreiros da associação—uns, favorecendo as letras e as artes, a industria e o commercio; outros, fundando ou protegendo a escola para a infancia pobre, o hospital para os enfermos desamparados, o albergue para os invalidos do trabalho; todos «ensinando geralmente a grande lei da sympathia, fonte e garantia de toda a sociabilidade, dando, em summa, a lição da dedicação, cujo desenvolvimento será a base da maior civilisação humana».

A observancia stricta d'estes sublimes preceitos; a sua transmissão escrupulosa á geração porvir, como precioso legado, é um affecto intimo que se dilata com sereno contentamento até os extremos horisontes da vida».—Disse.

A assembléa, que ouvíra o sr. Gonçalves Lopes com o agrado e consideração, que lhe tem sempre merecido tão sympathico e dedicado socio, applaudiu tambem com enthusiasmo o benemerito e prestante socio sr. Dias, que, pedindo novamente a palavra, e referindo-se a alguns dos retratos, que ornavam a sala, propoz, com a approvação unanime e calorosa de toda a assembléa, que n'ella fosse inaugurado, opportunamente, o de José Mauricio Velloso, cuja apologia fez como seu amigo, collega e consocio.

A execução d'esta proposta foi commettida aos corpos gerentes. Mais foi votado, que a biographia d'aquelle grande artista, que bem póde considerar-se como uma das glorias da typographia portugueza, escripta pelo socio o sr. Brito Aranha, o habilissimo continuador do *Diccionario bibliographico portuguez*, de Innocencio Francisco da Silva, fosse impresssa com os documentos, que é costume juntar aos relatorios e contas annuaes.

Eram mais de dez horas e meia, quando o sr. presidente encerrou os trabalhos dirigindo á assembléa affectuosas congratulações.

CHRONICAS VULGARES

NOTAS PARDAS

IX

Lembram-se de certo de um compromisso que aqui tomei ao fallar do facto, para mim altamente sympathico, de algumas senhoras começarem a expor os seus trabalhos, juntamente com o sympathico grupo do Leão. Chegou hoje a vez de me desempenhar d'elle, e faço-o com tanto mais prazer, quanto n'este assumpto eu não tenho de que servir-me senão de tintas alegres e festivas, deixando em casa os meus oculos negros de pessimista—para ver outras cousas.

E começando, registo em primeiro logar esta crescente sympathia do sexo amavel, por uma das mais bellas irradiações da arte humana—a pintura. Depois, cumpre-me saudar, não só o nome para mim já muito conhecido e estimado de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, mas o de D. Bertha Ortigão, que me invoca com o seu glorioso appellido um homem, que eu duplamente amo como escriptor e como caracter. Ambas estas senhoras, parece que, percebendo a importancia e a responsabilidade que para ellas significava o facto de serem as representantes de uma aristocracia de talento, têem procurado honrar os pergaminhos da sua nobreza artistica e intellectual, e assim como todos nós nos temos enthusiasmado com os pratos e com os malvaiscos de D. Maria Augusta, tambem sentimos já uma agradavel surpreza com os ultimos trabalhos de D. Bertha Ortigão.

E —symptoma eloquente e decisivo— em ambas ellas se nota uma largueza de traço, um manejamento de tintas de quem tem no sangue, não o simples amor de *virtuose*, mas particulas de sincero e verdadeiro artista. Esse facto, que, como era natural, mais se accentua na primeira, é já notavelmente sensivel na segunda, pelo que eu me felicito e as felicito.

Como, porém, eu não quero apenas cingir a estes dois nomes sympathicos as minhas apreciações de amador, permittir-me-hão que junte a elles o de uma senhora, que o grupo do Leão deve convidar para as suas exposições, porque não o envergonha, e antes é para um dos seus membros um titulo de gloria, como artista e como professor, ao mesmo tempo que representará a consagração gloriosa de um novo camarada que chega e que triumpha.

Quero fallar da sr.ª D. Fanny Munró, paizagista distincta, com um sincero amor pela verdade da natureza e um profundo respeito pelas exigencias da arte, e que tem vinculados a algumas télas de valor os seus legitimos titulos de pintora.

Poderia citar um ou outro quadro em que esta senhora se revela um alto e observador espirito, surprehendendo e fixando a côr com uma perfeição notavel, o que denuncia uma forte envergadura de artista; mas como a minha natural e viva sympathia pelo seu bello talento poderia parecer suspeita ao publico, que a não conhece, desejaria antes que fosse o proprio publico quem chancellasse este juizo, e que para isso que o grupo de Leão a apresentasse a elle, no que não faria senão honrar-se e praticar um acto justo.

E a proposito vem o lembrar uma idéa, que se me afigura proveitosa e sympathica—a da creação de um *salon* portuguez, onde fossem admittidos todos os trabalhos que um jury previamente escolhido tivesse julgado acceitaveis, porque assim como eu citei um nome desconhecido, porventura outros haverá tambem.

Andâmos sempre a imitar tanta cousa desnecessaria e tola, que não seria mau que ao menos imitassemos tambem algumas que o não são, e esta, pelo menos, afigura-se-me entrar n'esse numero.

Não tenham medo da banalidade. Os senhores sabem que o proprio, o celebre, o glorioso *salon* de París tambem não expõe tudo obras primas. Qual? Algumas não só não são primas, mas não têem mesmo filiação artistica conhecida, e todavia lá vão.

Porque, emfim, —que os meus amigos pintores se não offendam com isto— mas bem póde haver por ahi muito talento, merecedor de que o publico o aprecie e o estime, e que, comtudo, não apparece, pelo retrahimento natural dos timidos.

A creação, portanto, de um *salon* portuguez, ao passo que dava um pouco mais de homogeneidade á arte geral portugueza, permittia certamente que qualquer vocação porventura se atrevesse a apparecer e a fixar-se definitivamente n'aquillo para que a estivessem chamando os seus instinctos e os seus gostos...

Pensem n'isto os que sinceramente amam a arte portugueza, e especialmente os meus sympathicos camaradas —se me consentem este nome— do grupo do Leão, que são actualmente os directos e unicos representantes d'estes assumptos em Portugal, e creiam que se alguma cousa fizerem terão feito muito.

Tinha ainda para lembrar ao grupo ou a quem quer que se interesse por estas cousas, um outro alvitre, que igualmente se me afigura generoso e bello, mas já agora fica para o numero que vem.

RI-MAL.

ERRATA

Na terceira linha da segunda quadra do bello soneto do nosso collaborador Arthur Magalhães, onde se lê *offerta*, leia-se *affronta*.

IMPRENSA NACIONAL